



## “O QUE PODE VIR DE BOM DE NAZARÉ?” (JOÃO 1.46). ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA DA TERRA NATAL DE JESUS<sup>1</sup>

*“Can anything good come from Nazareth?” (John 1.46).  
Archeology and history of the birthplace of Jesus*

**Rainer Riesner<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 15 de fevereiro de 2018, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 23 de novembro de 2018, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*. Artigo traduzido pelo Prof. Dr. Vítor Hugo Schell, professor da área do Novo Testamento na Faculdade Luterana de Teologia, em São Bento do Sul. E-mail: vitor.schell@flt.edu.br. Artigo revisado pelo Prof. Dr. Claus Schwambach. E-mail: claus.schwambach@flt.edu.br.

<sup>2</sup> Rainer Riesner (Dr.) foi Professor catedrático da área do Novo Testamento no Instituto para Teologia Evangélica da Universidade Tecnológica de Dortmund de 1998 a 2013. Desde 2013 é dirigente do trabalho com doutorandos do Albrecht-Bengel-Haus em Tübingen, Alemanha. É editor da Série “Biblische Archäologie und Zeitgeschichte” (Gießen, Alemanha), e co-editor das revistas “Theologische Beiträge” (Witten, Alemanha), “Journal for the Study of the Historical Jesus” (Leiden, Alemanha), “Journal of the Jesus Movement in Its Jewish Setting” (Internet) e “Vox Scripturae – Revista Teológica Internacional” (São Bento do Sul, Brasil). É também editor da série de comentários do Novo Testamento “Historisch-theologische Auslegung” (Gießen/Witten, Alemanha). GND 120370492. E-mail: rainer.riesner@googlemail.com.

**Nota do autor:** O presente texto é uma versão ampliada de uma exposição proferida pelo autor em 23 de abril de 2017 diante do Grupo Internacional de Doutorandos do Albrecht-Bengel-Haus, em Tübingen, Alemanha. Minha gratidão à estudante de teologia Hanna-Maria Riesner por uma revisão, e ao estudante de filosofia Christoph Kraft pelo confiável suprimento com literatura.

**Nota do Editor-Chefe:** O presente texto representa uma tradução de texto anteriormente publicado pelo autor em língua alemã e submetido à apreciação de Vox Scripturae com a finalidade de oportunizar o acesso em língua portuguesa: RIESNER, Rainer. “Was kann aus Nazareth Gutes kommen?” (Johannes 1,46). Archäologie und Geschichte des Heimatortes Jesu. In: **Theologische Beiträge**. Holzgerlingen, vol. 48, n. 6, 2017, p. 324-339.

**RESUMO**

De acordo com achados arqueológicos, Nazaré foi fundada no século 1 a.C. Um clã davídico escolheu o nome de acordo com o “broto” (*nezār*) de Isaías 11.1, expressando sua esperança messiânica. Jesus viveu por cerca de trinta anos em um lugar judaico piedoso, onde as escrituras eram lidas na sinagoga e as tradições hebraicas eram valorizadas.

**ABSTRACT**

*According to archeological findings, Nazareth was founded in the 1st century BC. A Davidic clan chose the name in accord with the “sprout” (*nezār*) of Isaiah 11:1, expressing its messianic hope. Jesus lived for about thirty years in a devout Jewish place where the scriptures were read in the synagogue and Hebrew traditions were treasured.*

**1 NAZARÉ, UM “NINHO MAL FALADO”?**

Depois que João Batista deu seu testemunho sobre Jesus como o Cristo (João 1.29-34), Jesus conquista, de acordo com o Quarto Evangelho, dois pares de irmãos do círculo de João Batista como seus primeiros discípulos (João 1.35-42). No caminho para a Galileia, Jesus então chama Filipe de Betsaida para segui-lo (João 1.43-44)<sup>3</sup>. Filipe encontra, porém, um outro, chamado Natanael, e diz-lhe: “Nós encontramos aquele sobre quem escreveram Moisés, na lei, e os profetas: Jesus, filho de José, o de Nazaré (*τὸν ἀπὸ Ναζαρέτ*)” (Jo 1.45). Natanael, então, responde: “O que pode vir de bom de Nazaré (*ἐκ Ναζαρέτ δύνатаί τι ἀγαθὸν εἶναι*)?” (Jo 1.46). Esta questão passou por interpretações muito diferentes. Amplamente utilizada em sermões, mas também ocasionalmente defendida em comentários, é a explicação de que Nazaré, para usar a forma de expressão de Theodor Zahn, teria sido um “ninho mal falado”<sup>4</sup>. Com frequência, concluiu-se que essa cidade natal indica como Jesus entrou em sua condição terrena de humilhação e, que ele teria sido, acima de tudo, enviado aos marginalizados. Uma vez que posteriormente Natanael é referido como alguém que veio de “Caná na

<sup>3</sup> Pode ser pressuposto um caminho na região da Betânia (*Βηθανία πέραν τοῦ Ἰορδάνου* [Jo 1.28]) que levava à Galileia, passando por Gaulanitis, onde ficava Betsaida/Julia (Jo 1.43-44). Cf. RIESNER, Rainer, **Bethanien jenseits des Jordan**. Topographie und Theologie im Johannes-Evangelium (BAZ 12). Gießen: Brunnen, 2002, p. 71-77.

<sup>4</sup> ZAHN, Theodor. **Das Evangelium des Johannes**. (KNT IV). 5/6. ed. Leipzig/Erlangen: Deichertsche Verlagsbuchhandlung, 1921 [reed. Gießen: Brunnen, 1983], p. 140.

Galileia” (Jo 21.2), alguns assumiram que a pergunta crítica reflita uma rivalidade entre os dois lugares<sup>5</sup>. Finalmente, alguns veem em Natanael um representante paradigmático da rejeição judaica de Jesus<sup>6</sup> e, ainda outros, em sua pergunta, uma polêmica cristã interna contra um grupo em Nazaré<sup>7</sup>. Tais interpretações abstraem do contexto cristológico, dentro do qual Natanael coloca sua questão. Quando Filipe diz a Natanael que ele e os outros encontraram aquele “de quem Moisés na lei e de quem os profetas escreveram”, Filipe menciona implicitamente Jesus como sendo o Messias. Natanael veio a esta confissão quando encontrou Jesus: “Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel (βασιλεὺς τοῦ Ἰσραήλ)” (Jo 1.49). A dúvida original de Natanael foi obviamente baseada no fato de que Nazaré não é mencionada no Antigo Testamento e, portanto, diferente de Belém (veja abaixo em João 7.40-42), não estava ligada a nenhuma promessa messiânica.

## 2 A ARQUEOLOGIA DE NAZARÉ

No século XIX, alguns pesquisadores defenderam o ponto de vista de que Nazaré não existia na época de Jesus, e alguns concluíram que Jesus nunca teria vivido. Em sua famosa “História da Pesquisa da Vida de Jesus” Albert Schweitzer teve que dedicar dois capítulos inteiros a essas questões<sup>8</sup>. Hoje, essas visões são defendidas principalmente por ateístas radicais nos Estados Unidos. Mas ocasionalmente a inexistência de Nazaré na época de Jesus também se encontra como uma opinião científica de uma corrente de pesquisa minoritária (alem. *Aussenseitermeinung*)<sup>9</sup>. No entanto, a arqueologia esclareceu essa questão de forma inequívoca, como um resumo dos achados e descobertas mais importantes deve

---

<sup>5</sup> BOUYER, Louis. **Das vierte Evangelium**. Salzburg, 1968, p. 74.

<sup>6</sup> MICHAELS, J. Ramsey. **John**. San Francisco: Harper & Row, 1983, 22.

<sup>7</sup> BAUER, Walter. **Das Johannesevangelium**. (HNT 6). Tübingen: Mohr Siebeck, 1925, p. 38.

<sup>8</sup> SCHWEITZER, Albert. **Geschichte der Leben-Jesu-Forschung**. 4. ed. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1926, p. 444-497 e p. 498-564.

<sup>9</sup> KNAUF, Ernst Axel. Writing and Speaking in Galilee. In: ALKIER, Stefan; ZANGENBERG, Jürgen. **Zeichen aus Text und Stein**. Studien auf dem Weg zu einer Archäologie des Neuen Testaments. (TANZ 42). Tübingen: Francke, 2003, p. 336-350, aqui p. 349.

mostrar<sup>10</sup>. A exploração moderna de Nazaré começou nos anos 50 e 60 do século 20, antes da construção da poderosa Igreja da Anunciação, com as escavações do arqueólogo franciscano Bellarmino Bagatti<sup>11</sup>. Ele escavou um sistema de cavernas naturais e artificiais, silos, vinícola e prensas de óleo soterradas sob calcário macio. Bagatti não encontrou paredes de casas, e isso levou muitos a acreditar que os nazarenos teriam sido moradores de cavernas. Na Alemanha, essa opinião foi amplamente divulgada por um livro sobre a Galileia, que foi inovador na medida em que Willibald Bösen tornou o conhecimento sobre a região produtivo para a educação religiosa<sup>12</sup>. A visão a respeito dos assim alegados trogloditas de Nazaré ainda é surpreendentemente persistente<sup>13</sup>. Mas a evidência arqueológica é melhor explicada pelo fato de que, desde o período bizantino, em zonas honradas pelos cristãos, casas foram demolidas para a construção de uma igreja e mosteiros. De fato, alguns recantos escavados na rocha em linha reta podem ser interpretados como a base de paredes de casas. A arqueóloga israelense Yardenna Alexandre

<sup>10</sup> Pormenores em RIESNER, Rainer. The Nazareth of Jesus. In: WHITE, Aaron W.; WENHAM, David; EVANS, Craig A. **The Earliest Perceptions of Jesus in Context**. Essays in honour of John Nolland. T & T Clark/Bloomsbury: Edinburgh, 2018.

<sup>11</sup> BAGATTI, Bellarmino. **Excavations in Nazareth I**: From the Beginning till the Twelfth Century. Trad. Eugene Hoade [SBFCMa 17]. Jerusalem, 1969. Um bom resumo ilustrado em KROLL, Gerhard. **Auf den Spuren Jesu**. Sein Leben – Sein Wirken – Seine Zeit. 12. ed. Leipzig: St. Benno, 2002, p. 79–92. Em 1981 pude falar com padre Bellarmino Bagatti OFM (1905–1990) a respeito de pormenores de suas descobertas como participante em um curso do Instituto Bíblico Papal no „Studium Biblicum Franciscanum“, em Jerusalém.

<sup>12</sup> BÖSEN, Willibald. **Galiläa** – Lebensraum und Wirkungsfeld Jesu. Freiburg: Herder, 1985 (reed. 1998), p. 105–110. Mais tarde o autor não mais aceitou a versão sobre os moradores de cavernas, mas falou então da parentela de Jesus em termos de uma „moradia primitiva em cavernas“: BÖSEN, Willibald. Mehr als eine freundliche Gesprächspartnerin. Zur Bedeutung der Archäologie für die neutestamentliche Exegese. In: KÜCHLER, Max; SCHMIDT, Karl Matthias. **Texte – Fakten – Artefakte**. Beiträge zur Bedeutung der Archäologie für die neutestamentliche Forschung. (NTOA 59). Freiburg/Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2006, p. 161–195 (p. 174s; p. 181). A aceitação da moradia em cavernas já foi defendida contra os escavadores (BAGATTI, 1969, p. 27) por BRUNOT, Amédée. Nazareth. In: Bible et Terre Sainte, vol. 110, 1969, p. 8–17.

<sup>13</sup> THEOBALD, Michael. **Das Evangelium nach Johannes**. Kapitel 1-12 (RNT). Regensburg: Pustet, 2009, p. 192; THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. **Der historische Jesus**. Ein Lehrbuch. 4. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2011, p. 159, assim como também BÜHLMANN, Walter. **Wie Jesus lebte**. Alltag und Kultur vor 2000 Jahren. Luzern: Rex Verlag, 2017, p. 51-53, também muito recomendado de forma geral para aulas na área bíblica.

realizou uma escavação de emergência em 2008/09 antes da construção do Centro Mariano Internacional em frente à Igreja da Anunciação. Ela encontrou as paredes de uma casa, que consistia de duas salas e um pátio e que, devido aos achados cerâmicos, pode ser datada no século I<sup>14</sup>. Nos anos 2006-2010, o arqueólogo inglês Ken Dark, da Universidade de Reading, examinou os restos de um edifício já bem conhecido desde o século 19, localizado abaixo do convento dos Sœurs de Nazaré e pode datá-lo, por meio do uso de métodos arqueológicos modernos, também no séc. I ou pouco antes<sup>15</sup>. Depois destes achados, Nazaré dificilmente pode ser considerada como uma “aldeia sem rosto”<sup>16</sup>.

Bellarmino Bagatti encontrou em suas escavações cacos da Idade do Ferro, e novamente então, só vestígios a partir do período primitivo greco-romano. Ele concluiu a partir disso que se trata de uma lacuna de imigração no período babilônico e persa. Esta descoberta foi reforçada por recentes investigações na chamada Fonte de Maria, cerca de 500m a nordeste da Igreja da Anunciação (1997/98)<sup>17</sup> e sob a Escola Rashidiya (2003)<sup>18</sup>. Aqui a datação dos fragmentos descobertos começa, respectivamente, somente com o final do período greco-romano. Uma investigação arqueológica maior foi possível nos anos de 1997-2002, em um local vago a 0,5 km a sudoeste da Igreja da Anunciação<sup>19</sup>. Os arqueólogos

<sup>14</sup> ALEXANDRE, Yardenna. Ein Kurzbericht: Nazareth – Erstmals Wohnhaus aus der Zeit Jesu gefunden. In: **WUB**, vol. 14, n. 2, 2010, p. 67.

<sup>15</sup> DARK, Ken. Early Roman-Period Nazareth and the Sisters of Nazareth Convent. In: **Antiquaries Journal**, Cambridge, vol. 92, 2012, p. 37-64. Agradeço ao Sœurs de Nazareth pela possibilidade de ter podido visitar mais de uma vez as ruínas sob seu convento já antes das novas escavações. Cf. RIESNER, Rainer. Nazareth, In: BURKHARDT, Helmut et. al. **Das Große Bibellexikon**. Vol. 2. 2. ed. Wuppertal/Gießen: Brockhaus, 1990, col. 1031-1037, aqui col. 1036.

<sup>16</sup> BÖSEN, 1985, p. 105. Cf. diferentes tentativas de reconstrução de casas na então Nazaré em: McIVER, Robert K. First-century Nazareth. In: OESTREICH, Bernhard. **Glaube und Zukunftsgestaltung**. Festschrift zum hundertjährigen Bestehen der Theologischen Hochschule Friedensau. Frankfurt am Main: Europäischer Verlag der Wissenschaften, 1999, p. 139-159.

<sup>17</sup> ALEXANDRE, Yardenna. **Mary’s Well, Nazareth: The Late Hellenistic to the Ottoman Periods**. (IAA Reports 49). Jerusalem: Israel Antiquities, 2012, p. 57-61, p. 153s.

<sup>18</sup> TEPPER, Yoram. Nazareth. In: **HA-ESI**, vol. 121, 2009, A-3953.

<sup>19</sup> PFANN, Stephen; VOSS, Ross; RAPUANO, Yehudah. Surveys and Excavations at the Nazareth Village Farm (1997–2002): Final Report. In: **BAIAS**, vol. 25, 2007, p. 19-79. Às margens dessa localidade foi construída “Nazareth Village”. Nessa “vila museu”, reconstruída por experts em arqueologia, judeus messiânicos e cristãos árabes introduzem visitantes à vida no tempo de Jesus ([www.nazarethvillage.com](http://www.nazarethvillage.com)).

encontraram instalações agrícolas, como terraços artificiais, três torres de vigia feitas de pedra e um lagar. Por causa da cerâmica descoberta, o início da atividade agrícola poderia ser determinado novamente no final do período helenista tardio ou início do período romano. A descoberta mais importante junto a Fonte de Maria foram 165 moedas, dezoito das quais provêm do final do período helenista tardio ou início do período romano: duas moedas helenísticas, dez moedas do período hasmoneu de Alexandre Janeu (103-76 a.C.), duas moedas de Herodes, o Grande (37-4 a.C.), uma de Arquelau (4 a.C.-6 d.C.), uma do procurador romano Antônio Felix (datado de 54 d.C.), mencionado por Lucas (Atos 23.26-24.27), e duas moedas da primeira metade do século 2<sup>20</sup>. A evidência em forma de cerâmicas, juntamente com a descoberta de moedas, aponta para uma fundação de Nazaré na virada do século 2 para o primeiro século a.C. Isso está de acordo com as informações mais recentes sobre o histórico de assentamentos da Galileia. A conquista assíria em 732 a.C. (2 Rs 17.5-6) levou a um dramático despovoamento, especialmente na sub-Galileia, de modo que essa região foi então muito pouco povoada nos tempos babilônico e persa<sup>21</sup>. Embora a população tenha crescido ligeiramente durante o período helenístico, não sofreu nenhuma mudança fundamental até a reconquista pelos Hasmonéus nos anos 104-103 a.C. sob Aristóbulo I<sup>22</sup>. Lugares destruídos foram reconstruídos e muitos novos assentamentos construídos pelos judeus da Judeia<sup>23</sup>. Uma fundação e nomeação de Nazaré no século I a.C. explica porque não é mencionada em nenhum lugar no Antigo Testamento.

### 3 OS HABITANTES DE NAZARÉ

Devido a um entendimento incorreto de Mateus 4.15, onde a expressão “Galileia dos gentios (Γαλιλαία τῶν ἐθνῶν)” de Isaías 9.1 LXX é citada, tirou-se a

<sup>20</sup> BERMAN, Ariel. The Numismatic Evidence. In: ALEXANDRE, 2012, p. 107-120. Bellarmino Bagatti encontrou exclusivamente moedas bizantinas (Cf. BAGATTI, 1969, p. 46, 209, 234).

<sup>21</sup> GAL, Zvi. **Lower Galilee during the Iron Age**. (Trad. P. Marcia Reines Josephy [ASOR Dissertation Series 8]), Winona Lake IN: Eisenbrauns, 1992.

<sup>22</sup> Cf. JOSEFO, **Bell I 76**, Ant XIII 318-319.

<sup>23</sup> LEIBNER, Uzi. **Settlement and History in Hellenistic, Roman, and Byzantine Galilee: An Archaeological Survey of the Eastern Galilee**. (TSAJ 12). Tübingen: Mohr Siebeck, 2009, p. 315-344.

conclusão de que haveria uma “Galileia semi-pagã”<sup>24</sup>. Essa visão foi particularmente difundida na primeira metade do século XX<sup>25</sup> e levou a um pesquisador como Walter Grundmann durante o Terceiro Reino inclusive à aceitação de um Jesus ariano<sup>26</sup>. O trabalho arqueológico das últimas décadas expôs a visão de uma Galileia pagã ou pelo menos metade pagã como um mito científico<sup>27</sup>. Os achados arqueológicos em Nazaré também se encaixam nessa imagem. Tanto nas escavações sob a Igreja da Anunciação como no Centro Mariano Internacional foram encontrados vasos feitos de calcário<sup>28</sup>. Esses utensílios domésticos não muito práticos eram considerados pelos judeus leais à Torá como ritualmente puros (compare Jo 2.6)<sup>29</sup>. Duas banheiras com degraus abaixo da Igreja da Anunciação ou abaixo da Igreja de José podem ser interpretadas como *Miqvaot*, ou seja, banhos rituais judaicos<sup>30</sup>. Vestígios da sinagoga do primeiro século, mencionada nos Evangelhos, ainda não foram encontrados, em parte porque a partir de relatórios posteriores de peregrinos é difícil determinar onde ela pode ter estado localizada. Presumivelmente tratava-se de uma sinagoga caseira bastante simples, possivelmente sem componentes arquitetônicos identificáveis. Mas não há razão para duvidar da existência deste edifício no tempo de Jesus. Ela não é somente mencionada na Tradição de Marcos

<sup>24</sup> BORNKAMM, Günther. **Jesus von Nazareth**. (Urban TB 19). 12. ed. Stuttgart: Kohlhammer, 1980, p. 48.

<sup>25</sup> SCHRÖDER, Michael. **Das Galiläa der Heiden – ein heidnisches Land oder ein hoffnungsvolles Zeichen für die Völker?** Untersuchungen zu einer Galiläakonzeption im Matthäus-evangelium, Diss. TU Dortmund 2016, p. 95-140.

<sup>26</sup> GRUNDMANN, Walter. **Jesus der Galiläer und das Judentum**. (Veröffentlichungen des Instituts zur Erforschung des jüdischen Einflusses auf das deutsche kirchliche Leben). 2. ed. Leipzig: G. Wigand, 1941, p. 165-208. A esse respeito veja DEINES, Roland. **Jesus der Galiläer. Traditionsgeschichte und Genese eines antisemitischen Konstrukts bei Walter Grundmann**. In: DEINES, Roland; LEPPIN, Volker; NIEBUHR, Karl-Wilhelm. **Walter Grundmann. Ein Neutestamentler im Dritten Reich**. (AKG 21). Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2007, p. 43-131.

<sup>27</sup> CHANCEY, Mark. **The Myth of a Gentile Galilee**. (SNTSMS 118). Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

<sup>28</sup> BAGATTI, 1969, p. 318; assim como acima em nota 15.

<sup>29</sup> DEINES, Roland. **Jüdische Steingefäße und pharisäische Frömmigkeit**. Ein archäologisch-historischer Beitrag zum Verständnis von Joh 2,6 und der jüdischen Reinheitshalacha zur Zeit Jesu. (WUNT II/52). Tübingen: Mohr Siebeck, 1993.

<sup>30</sup> BAGATTI, 1969, p. 119-123, p. 228-233; STRANGE, James F. **Nazareth**. In: FIENSY, David A.; STRANGE, James Riley. **Galilee in the Late Second Temple and Mishnaic Periods II: The Archaeological Records from Cities, Towns, and Villages**. Minneapolis MN: Fortress Press, 2015, p. 167-180 (p. 176).

(Mc 6.2 ;cf. Mt 13.54), atribuída a Pedro (Papias, em Eusébio, HE III 39.15)<sup>31</sup>, como também pela tradição lucana exclusiva, independente dessa (Lc 4.16-20)<sup>32</sup>, que vem dos círculos familiares em torno de Tiago, irmão do Senhor<sup>33</sup>. Lucas oferece o relato literário mais antigo de um culto na sinagoga, sobre o qual o especialista israelense Lee I. Levine diz: “The importance of Luke’s pericope cannot be overestimated for our understanding of the first-century Judaeon synagogue”<sup>34</sup>. Conhecemos agora os restos de uma sinagoga do período do Novo Testamento de Magdala, cidade natal de Maria Madalena (Mc 15.40.47; 16.1 par) assim como provavelmente de Khirbet Qana, a Caná do Quarto Evangelho (Jo 2.1.11; 4.46; 21.2) e de Cafarnaum (Mc 121-23/ Lc 4.31-33)<sup>35</sup>. Com os vasos de pedra ritualmente puros arqueologicamente comprovados, com os banhos rituais, assim como com a sinagoga literariamente atestada, temos presentes em Nazaré três dos mais importantes indicadores para judeus piedosos lá residentes.

Em 2007/08, Ken Dark realizou uma pesquisa da superfície entre Nazaré e Séforis, localizada a cerca de 5 km ao norte de Nazaré<sup>36</sup>. Séforis foi a capital do estado galileu até 19/20 d.C., antes do Tetrarca Herodes Antipas mudar a capital para Tiberíades (cf. Josefo, Ant XVIII 36-38). Esta pesquisa teve um resultado surpreendente e historicamente muito revelador. No vale entre os dois lugares havia uma fronteira cultural. Enquanto ao norte, em direção a Séforis,

<sup>31</sup> BAUCKHAM, Richard. **Jesus and the Eyewitnesses: The Gospels as Eyewitness Testimony**. 2. ed. Grand Rapids MI /Cambridge: Eerdmans, 2017, p. 202-239.

<sup>32</sup> JEREMIAS, Joachim. **Die Sprache des Lukasevangeliums**. Redaktion und Tradition im Nicht-Markus-Stoff des dritten Evangeliums (KEK Sonderband). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1980, p. 119-28.

<sup>33</sup> RIESNER, Rainer. Prägung und Herkunft der lukanischen Sonderüberlieferung. In: **Theologische Beiträge**, Holzgerlingen, vol. 24, 1993, p. 228-248; RIESNER, Rainer. Die Emmaus-Erzählung (Lukas 24.13-35). Lukanische Theologie, judenchristliche Tradition und palästinische Topographie. In: FLECKENSTEIN, Karl Heinz; LOUHIVUORI, Mikko; RIESNER, Rainer. **Emmaus in Judäa**. Geschichte – Exegese – Archäologie. (BAZ 11). Gießen: Brunnen, 2003, p. 150-207.

<sup>34</sup> LEVINE, Lee I. **The Ancient Synagogue: The First Thousand Years**. 2. ed. New Haven: Yale University Press, 2005, p. 46.

<sup>35</sup> RUNESSON, Anders. The Historical Jesus, the Gospels, and First-Century Jewish Society: The Importance of the Synagogue for Understanding the New Testament. In: WARNER, Daniel A.; BINDER, Donald D. **A City Set on a Hill: Essays in Honor of James F. Strange**. Mountain Home AR: Border Stone Press, 2014, p. 265-297.

<sup>36</sup> DARK, Ken. Roman-Period and Byzantine Landscapes between Sepphoris and Nazareth. In: **PEQ**, vol. 140, 2008, p. 87-102.



foram encontrados produtos de cerâmica importados, os mesmos não foram encontrados ao sul. Aqueles judeus que viviam em Nazaré e arredores mantiveram as leis de pureza aparentemente ainda mais rígidas, e também se distanciaram mais fortemente da cultura não-judaica. Dark indica que, por enquanto, em todo o Império Romano, nenhuma fronteira cultural-religiosa poderia ser tão claramente definida como aqui. Se nenhuma *terra sigillata* importada foi encontrada em Nazaré, isso não deveria ser considerado uma coincidência. Também é marcante a quase completa ausência de moedas romanas. No primeiro século, os judeus religiosos foram cada vez mais avessos a lidar com o dinheiro pagão (compare Mc 12.13-17)<sup>37</sup>.

A circunferência da Nazaré do Novo Testamento é marcada por uma série de sepulturas. Entre eles estão sepulturas em galerias, nas quais os ossos do morto eram enterrados secundariamente em pequenos caixões de calcário (ossuários). Estas tumbas *Kokim* em Nazaré podem ser datadas no período do século 1 a.C. ao século 2 d.C., levando-se em conta a cerâmica encontrada, sendo que também elas atestam a presença de judeus devotos. O território da Nazaré do Novo Testamento perfazia cerca de 2,5 hectares, e de acordo com a estimativa, a densidade populacional chega a 200 a 500 habitantes<sup>38</sup>. Em vista desta grandeza, estranha o fato de Nazaré ser chamada de πόλις nos Evangelhos (Mt 2.23; Lc 1.26; 2.4,39; 4.29). É mais provável que isso seja explicado pela apresentação de tradições ou fontes semíticas. Já na Septuaginta, o termo hebraico 'îr (אִיר) pode designar lugares de tamanhos muito diferentes<sup>39</sup>, é geralmente traduzido por πόλις. Josefo nem sempre fez uma distinção terminológica consistente, mas pode chamar o mesmo lugar uma vez de “vila (κώμη)” e outra vez de “cidade (πόλις)”<sup>40</sup>. Na Mishná 'îrah (אִירָה) refere-se a Ariei Ben-David, um lugar rural

<sup>37</sup> FÖRSTER, Niclas. Jesus und die Steuerfrage. Die Zinsgroschen-perikope auf dem religiösen und politischen Hintergrund der Zeit mit einer Edition von Pseudo-Hieronymus De haeresibus Judaeorum. (WUNT 294). Tübingen: Mohr Siebeck, 2012, p. 83-143.

<sup>38</sup> STRANGE, James F. Nazareth: In: **ABD**, vol. IV, 1992, p. 1050s (menos de 500); CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. **Jesus ausgraben**. Zwischen den Steinen – hinter den Texten. Düsseldorf: Patmos, 2003, p. 49 (200 bis 400).

<sup>39</sup> GESENIUS, Wilhelm (bearb. und hrsg. Herbert Donner). Hebräisch-aramäisches Handwörterbuch zum Alten Testament. 18. ed. Heidelberg: Springer, 2013, p. 958s.

<sup>40</sup> SAFRAI, Ze'ev. Urbanization and Industry in Mishnaic Galilee. In: FIENSY, David A.; STRANGE, James Riley. **Galilee in the Late Second Temple and Mishnaic Periods 1: Life, Culture, and Society**, Minneapolis MN: Fortress Press, 2014, p. 272-296 (p.

com uma população entre 600 e 7.500 habitantes<sup>41</sup>. Foi o tamanho insignificante de Nazaré, e não a sua inexistência, o motivo do lugar não ter sido mencionado por Josefo. Segundo o historiador judeu, havia nada menos que 204 vilas e cidades na Galileia (Vita 235). Mesmo que essa afirmação não seja exagerada, a maioria dos nomes dessas localidades estão faltando em Josefo. Ele estava interessado naqueles lugares que desempenharam um papel na Guerra Judaica de 66-70 d.C. Quando Josefo mencionou a grande aldeia de Japhia, a 3 km a sudoeste de Nazaré, foi porque ele havia fortificado o lugar (Bell II 573), e porque depois foi o lugar de um duro combate (Bell III 289-306). Costumava-se pensar que Nazaré havia sido destruída nesse contexto ou tivesse desaparecido completamente<sup>42</sup>, mas os achados arqueológicos contradizem essa suposição. Houve uma continuidade de assentamentos desde o período neotestamentário até o período bizantino, assim como comprovam justamente as escavações realizadas sob a Igreja da Anunciação. No período entre os assentamentos do século 1 e uma igreja do início do século 5 existiram entre outras coisas uma construção pré-bizantina, a qual o escavador Bellarmino Bagatti interpretou como sendo um edifício de culto judaico-cristão<sup>43</sup>.

#### 4 IDIOMAS EM NAZARÉ

Um consenso cada vez mais crescente se forma de que Erez Yisrael/Palestina foi moldada por um Trilinguismo no período do Novo Testamento<sup>44</sup>. O hebraico não era apenas a linguagem das escrituras e debates entre os escribas, mas como hebraico proto-mishnaico ou hebraico médio, especialmente na Judeia, mas

---

273 nota 3).

<sup>41</sup> BEN DAVID, Arieh. *Talmudische Ökonomie. Die Wirtschaft des jüdischen Palästina zur Zeit der Mischna und des Talmud*, Hildesheim; New York: Georg Olms, 1974, p. 49.

<sup>42</sup> KOPP, Clemens. *Die heiligen Stätten der Evangelien*. 2. ed. Regensburg: Friedrich Pustet, 1964, p. 89.

<sup>43</sup> BAGATTI, Bellarmino. **The Church from the Circumcision** (SBFCMi 2). Jerusalem: Franciscan Printing Press, 1971, p. 122-128.

<sup>44</sup> POIRIER, John C. The Linguistic Situation in Jewish Palestine in Late Antiquity. In: **JGRChJ**, vol. 4 2007, p. 55-134; ONG, Hughson T. *The Multilingual Jesus and the Sociolinguistic World of the New Testament*. (LBS 12). Leiden/Boston: Brill, 2016.

também uma língua viva a partir de círculos piedosos<sup>45</sup>. Da forte diáspora síria do oriente e da mesopotâmia, o aramaico influenciou acima de tudo a Galileia. Como em outras partes do leste do *Imperium Romanum*, o grego serviu como a linguagem do transporte e comércio. Esta situação trilingue é até certo ponto ilustrada pelas evidências epigráficas da necrópole judaica central de Séforis (séculos 2 e 4)<sup>46</sup>. De quatorze epitáfios um é em grego, sete em aramaico, três em hebraico, um em hebraico/grego, um em grego/aramaico e um em hebraico/aramaico. A descoberta muito limitada de Nazaré não é incompatível com isso. Um fragmento de mármore encontrado sob a Igreja da Anunciação e por motivos paleográficos datado do século I ou início do século II d.C., oferece, por um lado, as palavras aramaicas “e um poço dentro (וביר גווי)” e, por outro, uma palavra hebraica para “espinheiro (נעצורץ [Is 55.13])”<sup>47</sup>. O fragmento de uma inscrição em hebraico em túmulo, em comparação, provém o mais cedo possível do século IV, atestando assim, porém, a presença judaica em Nazaré durante o período bizantino<sup>48</sup>. Em 1878 foi enviada de Nazaré para Sorbonne, em Paris, uma inscrição grega contendo um edito imperial contra a perturbação do Sepulcro (SEG VIII N.13). A inscrição é mais provavelmente do século I, mas não pode ser considerada uma prova da utilização do grego em Nazaré, porque é incerto se foi encontrada em Nazaré ou se trate apenas de material comprado no mercado de antiguidades local<sup>49</sup>. Junto a comerciantes e artesãos, no entanto, é esperado, por causa da proximidade de Séforis, pelo menos um conhecimento rudimentar de grego<sup>50</sup>. Duas razões, para além da evidência epigráfica esparsa, apontam para o fato de que em Nazareth estava em uso um hebraico médio. Se Nazaré, como outros assentamentos da Galileia, foi fundada por judeus da Judeia, esses trouxeram consigo o vernáculo. A expressa piedade dos habitantes também pode tê-los levado a cultivar o idioma

<sup>45</sup> BALTES, Guido. **Hebräisches Evangelium und synoptische Überlieferung**. (WUNT II/312), Tübingen: Mohr Siebeck, 2011, p. 70-150.

<sup>46</sup> AVIAM, Mordechai; AMITAI, Aharoni. The Necropolis of Sepphoris: The Results of Field Survey. In: WARNER; BINDER, 2014, p. 4-16 (p. 15).

<sup>47</sup> BAGATTI, 1969, p. 170s.

<sup>48</sup> BAGATTI, 1969, p. 248.

<sup>49</sup> EVANS, Craig A. **Jesus and the Ossuaries: What Jewish Burial Practices Reveal about the Beginning of Christianity**. Waco TX: Baylor University Press, 2003, p. 35-37.

<sup>50</sup> EVANS, Craig A. In the Shadow of Sepphoris: Growing up in Nazareth. In: EVANS, Craig A. **Jesus and His World: The Archaeological Evidence**, Louisville KY: Westminster John Knox Press, 2012, p. 13-37 (p. 21s).

sagrado. Pelo menos na sinagoga, o hebraico deve ter encontrado uso.

## 5 OS FUNDADORES DE NAZARÉ

No final do séc. 19 e início do séc. 20, era difundida a opinião, de que o codinome de Jesus “Nazareno (Ναζαρηνός)” e “Nazareu (Ναζωραῖος)” não poderia ser derivado do nome da localidade Nazaré, mas o descreveriam como pertencente a um grupo pré-cristão. A tese de Mark Lidzbarski de que se trataria de uma seita batista<sup>51</sup> foi nos dias atuais amplamente abandonada. A mais nova tentativa, um pouco modificada, em tentar separar Jesus da cidade de Nazaré e de entender seu codinome como uma designação de grupo judeu dos “Guardiões (da Lei)” foi apresentada por Volker Wagner, embora com argumentos completamente insuficientes<sup>52</sup>. Sua alegação de que Nazaré era habitada, no máximo, de forma sazonal, ignora os achados arqueológicos. Não fidedigno é o construto segundo o qual o codinome de Jesus teria sido ligado posteriormente a Nazaré para desviar do fato de que ele, diferentemente dos cristãos posteriores, teria sido um judeu fiel à Torá. A conexão mais próxima entre o codinome e a localidade de Nazaré é encontrada justamente no evangelista cristão judeu Mateus (Mt 2.23). Já Hans Heinrich Schaefer tinha mostrado contra a opinião de Lidzbarski, entre outros, que na aceitação do aramaico uma derivação do codinome do nome de lugar é possível<sup>53</sup>. Uma análise linguística ainda mais detalhada foi posteriormente apresentada por Hans Peter Rieger com base no hebraico, como mostrado adiante<sup>54</sup>. Suas derivações também estão ganhando em força de convencimento, uma vez que os fundadores e os que deram o nome a Nazaré, de acordo com a probabilidade histórica, falavam hebraico.

<sup>51</sup> LIDZBARSKI, Mark. *Mandäische Liturgien*. (AGWG.PH NF 17/1). Berlin, 1920 (reimpr. Hildesheim 1967), p. XVII-XIX.

<sup>52</sup> WAGNER, Volker. *Mit der Herkunft Jesu aus Nazaret gegen die Geltung des Gesetzes*. In: **ZNW**, vol. 92, 2001, p. 273-282.

<sup>53</sup> SCHAEFER, Hans Heinrich. *Ναζαρηνός, Ναζωραῖος*. In: **ThWNT IV**, 1942, p. 879-884 (880-883).

<sup>54</sup> RÜGER, Hans Peter. *ΝΑΖΑΡΕΘ ΝΑΖΑΡΑ ΝΑΖΑΡΗΝΟΣ ΝΑΖΩΡΑΙΟΣ*. In: **ZNW**, vol. 72, 1981, p. 257-263. Resumido por RIESNER, Rainer. *Nazarener/Nazareth*. In: GÖRG, Manfred; LANG, Bernhard. **Neues Bibel-Lexikon 2**. Solothurn/Düsseldorf: Benzinger, 1995, p. 908-912 (p. 908-910).

Em 1962 foram encontrados dois fragmentos de uma inscrição hebraica do séc. III/IV d.C. com uma lista de assentamentos sacerdotais, que foram criados após a destruição de Jerusalém, em 70 d.C. ou após a revolta de Bar Kochba (132-135 d.C.)<sup>55</sup>. Outro fragmento foi descoberto anteriormente em Ashkelon, e mais tarde fragmentos de Kissufim e Tel Rehov se tornaram conhecidos<sup>56</sup>. Um fragmento pode até ter vindo da própria localidade de Nazaré<sup>57</sup>, onde o departamento de ha-Pizzetz (1Cr 24.15) havia se estabelecido. Os fragmentos estão incluídos em uma lista completa das vinte e quatro divisões sacerdotais, que foram preservadas em dois poemas de Eleazar ha-Qalir do século 9 para o 9º aniversário da destruição do templo<sup>58</sup>. Por meio de um dos fragmentos de Cesareia, נצרָה aparece como uma forma do nome Nazaré. Também Jerônimo, em seu *Liber interpretationis hebraicorum nominum*, conhecia a ortografia com Zade (CCSL 62,24-27). Embora Zade (צ) seja geralmente reproduzido em grego com Sigma (σ) e não Zeta (ζ), existem numerosas exceções na Septuaginta e em Josefo<sup>59</sup>. A forma normal hebraica do nome do lugar era nāšerat (נְצֶרֶת). As formas ortográficas neotestamentárias Ναζαρέθ ou Ναζαρέτ remontam a forma hebraica nāšārät (נְצִירָת). A forma Ναζαρά, oferecida pelas melhores testemunhas textuais em Mateus 4.13 / Lucas 4.16, é derivada da forma normal hebraica, de modo que a terminação feminina *-at* é modificada para a outra com *-a*, como ocorre com frequência em outras ocorrências que dizem respeito a nomes de lugares. De acordo com Yoel Elitzur, o final com *-t* se refere a uma nomeação no período pós-exílico<sup>60</sup>, e esta corresponderia à evidência histórica e arqueológica para a

<sup>55</sup> AVI-YONAH, Michael. A List of Priestly Courses from Caesarea. In: *IEJ*, vol. 12, 1962, p. 137-139.

<sup>56</sup> MILLER, Stuart S. Priests, Purities, and the Jews of Galilee. In: ZANGENGER, Jürgen; ATTRIDGE, Harold W.; MARTIN, Dale B. **Religion, Ethnicity and Identity in Ancient Galilee: A Region in Transition** (WUNT 210), Tübingen: Mohr Siebeck, 2007, p. 375-402 (p. 374, nota 3).

<sup>57</sup> ESHEL, Hanan. Fragments of an Inscription of the Twen-ty-Four Priestly Courses from Nazareth? [Ivrit]. In: *Tarbiz*, vol. 61, 1992, p. 159-161 (English summary VII).

<sup>58</sup> KLEIN, Samuel. **Beiträge zur Geographie und Geschichte Galiläas**. Leipzig: R. Haupt, 1909, p. 97-102.

<sup>59</sup> MOORE, George F. Nazarene and Nazareth. In: JACKSON, F. J. Foakes; LAKE, Kirsopp. **The Beginnings of Christianity Part I: The Acts of the Apostles I/1**. Reimpr. Grand Rapids MI 1979 [1920], 426-432 (427); SCHAEDE, 1942, p. 884.

<sup>60</sup> ELITZUR, Yoel. **Ancient Place Names in the Holy Land: Preservation and History**. Jerusalem; Winona Lake IN: Magnes Press; Eisenbrauns, 2004, p. 11, 227s, 334.

fundação de Nazaré no século I a.C. O significado mais provável que pode ser associado ao nome Nazaré é *neṣār* (נְצָר), i. e., broto.

A relação do nome da localidade de Nazaré à expressão נְצָר broto é apoiada por uma passagem no Evangelho de Mateus. Trata-se de uma citação de preenchimento que é formulada de maneira atípica e, portanto, pode remeter à tradição pré-mateana<sup>61</sup>. José “foi habitar numa cidade chamada Nazaré para que se cumprisse o que foi dito pelos profetas, que ele será chamado Nazareno (Ναζαραῖος)” (Mt 2.23). Esta passagem foi associada a várias passagens do Antigo Testamento. Robert H. Gundry examinou criticamente essas referências em relação à sua plausibilidade<sup>62</sup>. Como Jerônimo, em comentário de Mateus, de 398 (I para 2.23 [SC 242,88]) e em uma de suas cartas (Ep 57,7 [CSEL 54,515]) Gundry conecta Mateus 2.23 com a profecia de Is 11.1: “Um resto sairá da tribo de Jessé e um rebento (נְצָר) da sua raiz produzirá fruto”. Mais tarde, em seu comentário de Isaías, Jerônimo realmente mudou de opinião e expressou-se a favor de uma referência ao veterotestamentário Nazireu, mas ainda assim notou a partir de Isaías 11.1: “*Quoniam Nazaraeus vocabitur [Mt 2,23]: eruditi Hebraeorum de hoc loco [Isa 11,1] supostos putant*” (IV [CCSL 73, 147]). Os “estudiosos dos hebreus” significavam, presumivelmente, cristãos judeus em cujos círculos essa interpretação era conhecida<sup>63</sup>. Também no Targum o “reberto” de Is 11.1 é identificado com o Messias<sup>64</sup>, e já no Is-Pescher de Qumran Is 11.1-5 foi relacionado ao Messias davídico (4Q161 Frag. 8-10 [3, 11-25])<sup>65</sup>. Uma vez

<sup>61</sup> DALMAN, Gustaf. **Orte und Wege Jesu.** (BFChTh 2/1). 4. ed. Darmstadt: C. Bertelsmann, 1967, p. 63; LUZ, Ulrich. **Das Evangelium nach Matthäus I/1** (Mt 1-7). (EKK I/1). 5. ed. Zürich/Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 2002, p. 188. Também Mt 1.17 e 1.21 mostram conhecimento do hebraico. Compare GUNDRY, Robert H. **Matthew: A Commentary on His Literary and Theological Art.** Grand Rapids MI: Eerdmans, 1982, p. 40.

<sup>62</sup> GUNDRY, Robert H. **The Use of the Old Testament in St. Matthew's Gospel with Special Reference to the Messianic Hope.** (NovTSup 18). Leiden: Brill, 1967, p. 97-104.

<sup>63</sup> PRITZ, Ray A. **Nazarene Jewish Christianity from the End of the New Testament Period until its Disappearance in the Fourth Century.** (SPB 37). Jerusalem/Leiden: Brill, 1988, p. 12s, nota 9.

<sup>64</sup> CHILTON, Bruce D. **The Isaiah Targum** (The Aramaic Bible 11). Wilmington DE: Michael Glazier, 1987, p. 28.

<sup>65</sup> O texto parcialmente reconstruído em MARTÍNEZ, Florentino García; TIGCHELAAR, Eibert J. C. **The Dead Sea Scrolls Study Edition I: 1Q1-4Q273.** 2. ed. Leiden/New York/Köln: Brill, 2000, p. 316s. Compare também ZIMMERMANN, Johannes.

que Mateus 2.23 menciona os “profetas”, no plural, não se pode descartar, no entanto, que passagens difíceis como Isaías 42.6 (o “guardado” Servo de Deus) e 49.6 (os “guardados” de Israel) estejam no pano de fundo a partir da raiz נצר “preservar” como palavra-chave, também textualmente. Mas com a maioria dos comentários modernos de Mateus, a passagem de Isaías 11.1 deve ser vista como principal referência, uma vez que aqui se trata da promessa de um descendente davídico ideal e justamente em Mateus 1-2 a promessa em relação a Davi está presente (Mt 1.6,20,22-23; 2.4-6)<sup>66</sup>. Seria possível que a história de Mateus, a qual em contraste com a história da infância de Jesus em Lucas, não seja contada a partir da perspectiva de Maria, mas da perspectiva de José, e remeta ao círculo familiar na Galileia e às regiões vizinhas de Gaulanitis e Betânia<sup>67</sup>.

O cristão Polyhistor Julius Africanus (ca. 160-240), amigo de Orígenes, provavelmente conheceu pessoalmente alguns dos últimos membros da parentela de Jesus<sup>68</sup>. De qualquer forma, ele passou a partir da sua tradição, a seguinte mensagem: “Aqueles que por causa de seu relacionamento com a linhagem do Salvador foram chamados de parentes do Senhor (δεσπότες), se espalharam do vilarejo judaico de Nazaré (Ναζαρέθ) e Kochaba (Κωχαβα) para o restante da terra” (Eusébio, HE I 7,14 [E. Schwartz 23])<sup>69</sup>. Não somente o nome da localidade de Nazaré pode ser conectado com uma importante promessa messiânica (Is 11.1), senão que também a de Kochaba, a saber com a profecia de Balaão: “Subirá uma estrela (*kōchab* [כוכב]) de Jacó, e vem um cetro de Israel, e despedaçam os templos de Moabe e a coroa de todos os filhos de Sete. Edom o tomará ...” (Nm 24.17-18). Isso dificilmente pode ser mera coincidência, mas é melhor explicado pelo

---

**Messianische Texte aus Qumran.** Königliche, priesterliche und prophetische Messiasvorstellungen in den Schriftfunden von Qumran. (WUNT II/104). Tübingen: Mohr Siebeck, 1998, p. 59-71.

<sup>66</sup> Por exemplo SAND, Alexander. **Das Evangelium nach Matthäus.** (RNT). Regensburg: F. Pustet, 1986, 57s; WIEFEL, Wolfgang. **Das Evangelium nach Matthäus.** (ThHK 1). Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 1998, p. 49; KEENER, Craig S. **A Commentary on the Gospel of Matthew.** Grand Rapids MI/Cambridge: Eerdmans, 1999, p. 114.

<sup>67</sup> RIESNER, Rainer. Bethlehem, the Birth Stories and Archaeology. In: ESTRADA, Bernardo; MANICARDI, Ermenegildo; PIUG I TÀRRECH, Armand. **The Gospels: History and Christology: The Search of Joseph Ratzinger – Benedict XVI.** Vol. 1. Vaticano: Libreria editrice Vaticana, 2013, p. 473-507 (p. 480-482).

<sup>68</sup> MARKSCHIES, Christoph. Stadt und Land des Christentums in Palästina In: CANKIK, Hubert Cancik; RÜPKE, Joachim. **Römische Reichsreligion und Provinzialreligion.** Tübingen: Mohr Siebeck, 1997, p. 265-297 (p. 280).

<sup>69</sup> N.T.: Tradução livre para a língua portuguesa, realizada pelo tradutor do presente artigo.

fato de que famílias descendentes de David deram nomes a dois de seus novos assentamentos, expressando uma esperança messiânica existente<sup>70</sup>. O fato de José, como descendente de Davi, que originalmente vivia em Belém (Mt 2.1,10), depois transferir-se para Nazaré (Mt 2.19-23), também pode ser explicado pela ligação entre dois clãs davídicos<sup>71</sup>. Números 24.17 desempenhou aparentemente um papel fatal na eclosão da Guerra Judaica (Josefo, Bell VI 312-313)<sup>72</sup>. É marcante que a essa profecia (Nm 24.17 LXX: ἀνατελεῖ ἄστρον ἐξ Ἰακωβ) não se alude de forma nenhuma nas cartas do Novo Testamento, e nos Evangelhos claramente apenas nas duas histórias de infância (Mt 2.2: τὸν ἀστέρα ἐν τῇ ἀνατολῇ; Lc 1.78: ἀνατολῇ ἐξ ὕψους)<sup>73</sup>, que podem ser atribuídas a tradições familiares. No escrito judaico-cristão Apocalipse de João, que também tem ligações com a tradição especial de Lucas<sup>74</sup>, estão diretamente ligadas as profecias de Isaías 11.1 e Números 24.17.

<sup>70</sup> PIXNER, Bargil. **Wege des Messias und Stätten der Urkirche**. Jesus und das Judenchristentum im Licht neuer archäologischer Erkenntnisse. (Hrsg. Rainer Riesner [BAZ 2]), 3. ed. Gießen: Brunnen, 1996, p. 23-41; NODET, Étienne; TAYLOR, Justin. **The Origins of Christianity: An Exploration**, Collegeville MN: Liturgical Press, 1998, p. 154s; PESCH, Rudolf. Über das Wunder der Jungfrauengeburt. (Urfelder Reihe 5). Bad Tölz: Urfeld, 2002, p. 141-148; BÜHLMANN, 2017, p. 54-57. Kochaba pode tratar-se de Kaukab, 15 Km ao norte de Nazaré. Compare PIXNER, Bargil; RIESNER, Rainer. Kochaba. In: BURKHARDT, 1990, p. 801s.

<sup>71</sup> RIESNER, Rainer. „Gedeutete, konzentrierte Geschichte“. Benedikt XVI. und die Geburt Jesu in Bethlehem. In: SÖDING, Thomas. **Zu Bethlehem geboren?** Das Jesus-Buch Benedikts XVI. und die Wissenschaft. Freiburg: Herder, 2013, p. 104-127 (p. 110-116). A aceitação de uma origem davídica para Maria já se encontra em Inácio de Antioquia (Eph 18,2; Trall 9,1; Smyrn 1,1) e Justino Mártir (Dial 45,4). Não somente um católico, como SCHMID, Josef. **Das Evangelium nach Lukas**. (RNT). 4 ed. Regensburg: Pustet, 1960, p. 40, mas também um protestante como BORNHÄUSER, Karl. **Die Geburts- und Kindheitsgeschichte Jesu**. Versuch einer zeitgenössischen Auslegung von Matthäus 1 und 2 und Lukas 1-3. (BFChTh II/23). Gütersloh, 1930, p. 81-84, relacionou “da casa de Davi” em Lc 1.27 a Maria. Também Isabel é caracterizada mais precisamente como uma “das filhas de Arão” (Lc 1.5) e a explicação de que “José era da casa e descendência de Davi” (Lc 2.4) soa mais tarde como uma primeira informação.

<sup>72</sup> HENGEL, Martin. **Die Zeloten**. Untersuchungen zur jüdischen Freiheitsbewegung in der Zeit von Herodes I. bis 70 n. Chr. (Hrsg. Roland Deines/Claus-Jürgen Thornton [WUNT 283]). 3. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2011, p. 238-241.

<sup>73</sup> Uma alusão de Lc 1.78 a Nm 24.17 não é possível não somente pela versão dos LXX, como também não pelo verbo hebraico *וַיַּעֲלֶה* “subir”. Compare SCHÜRMMANN, Heinz. **Das Lukas-evangelium**. (HThK III/1). 2. ed. Freiburg: Herder, 1981, p. 92.

<sup>74</sup> RIESNER, Rainer. Genesis 3,15 in der vorlukanischen und johanneischen Tradition. In: **SNTU**, vol. 29 2004, p. 119-178 (p. 141-144).



Lá, o Cristo exaltado diz de si mesmo: “Eu sou a raiz e a geração de David (ἡ ῥίζα καὶ τὸ γένος Δαυίδ), a brilhante estrela da manhã (ὁ ἀστήρ ὁ λαμπρὸς ὁ πρωΐνός [Ap 22.16])<sup>75</sup>.

## 6 JESUS, O NAZARENO

A designação adjetiva Ναζαρηνός, em Marcos (Mc 1.24; 10.47; 14.67; 16.6) e Lucas (Lc 4.34; 24.19) é um aposto ao nome de Jesus. De acordo com um uso muito difundido na antiguidade, é expressa dessa maneira a origem a partir do lugar assim chamado. Esse codinome corresponde à expressão Ἰησοῦς ὁ ἀπὸ Ναζαρεθ (Mt 21.11; Jo 1.45; At 10.38). Em Mateus (Mt 2.23; 26.71) e João (Jo 18.5,7; 19.19) Jesus é chamado exclusivamente de Ναζωραῖος, assim como em Lucas-Atos diversas vezes (Lc 18.37; At 2.22, 3.6; 4.10; 6.14; 22.8; 26.9). Esse nome também pode ser derivado do nome da localidade de Nazaré, provavelmente de outra forma paralela hebraica *naṣṣōr* (נָצְרָה)<sup>76</sup>. Contra uma ligação de Ναζωραῖος com o veterotestamentário Nazireu (נָזִיר, Ναζιραῖος [Lv 6.1-21; Jz 13.5]), como já encontrada antes em Jerônimo, em Tertuliano (Adv Marc 4,8) e Eusébio (Dem Ev 7,2), mas também na literatura moderna<sup>77</sup>, fala por si só o fato de que Jesus, em contraste com João Batista, não é apresentado como um ascético (Mt 11.18-19/Lc 7.33-34). Em Mateus 2.23, Ναζωραῖος, bem como a forma incomum da citação que indica o cumprimento da profecia, aponta para a apresentação de uma tradição semitizante. Mesmo em Lucas, a forma mais semita Ναζωραῖος não remete à atividade redacional, mas a uma tradição especial judaico-cristã (ver abaixo). Em Atos 24.5, os crentes no Messias que se reuniram em torno do irmão do Senhor, Tiago, são chamados de Ναζωραῖοι. Nessa designação para esse grupo pode soar não apenas o nome do lugar, mas acima de tudo um significado messiânico. Nos hinos de louvor de Qumran, נָצְרָה broto é uma designação coletiva para se referir aos essênios como uma comunidade escatológica (1QH 6,15; 7,19; 8,6.8.10). Em uma tradição amoraica (alem. *amoräischen*) do Talmude babilônico

<sup>75</sup> MAIER, Gerhard. *Die Offenbarung des Johannes*: Kapitel 12-22. (HTA). Witten/Gießen: Brunnen, 2012, p. 502-504.

<sup>76</sup> RÜGER, 1981, p. 262.

<sup>77</sup> ZUCKSCHWERDT, Ernst. Nazōraios in Matth. 2,23. In: **TZ**, vol. 31, 1975, p. 65-77; BERGER, Klaus. Jesus als Nasoräer/Nasiräer. In: **NovT**, vol 38, 1996, p. 323-335.

diz-se sobre um suposto discípulo de Jesus: “Quando eles apresentaram Neçer, ele disse: Como Neçer deveria ser executado, isso significa sim (Is 11.1): um ramo [*neçer*] será arrancado de sua raiz!? Responderam-lhe: Claro que sim, Neçer deve ser executado, pois é dito (Jó 14.19): Mas tu foste tirado da tua sepultura, como um renovo abominável, [*neçer*]” (bSanh 43a)<sup>78</sup>. A partir disso pode-se concluir que os cristãos judeus ligaram sua designação como *nōsrīm* (נוֹסְרִים), que sobrevive adiante no nome cristão árabe nasrani, com a profecia messiânica de Isaías 11.1. Antes da citada passagem do Talmude, Jesus é chamado no contexto do seu julgamento de *Ješu há-nosrī* (ישו הנוצרי) em uma Baraita não classificada, ou seja, em uma tradição hebraica dos Tanaítas do séc. II, a qual Kern David Instone-Brewer atribuiu ao séc. I<sup>79</sup>. Aqui pode-se aceitar também uma conotação messiânica, assim como quando Jesus é classificado no Novo Testamento como Ναζωραῖος<sup>80</sup>.

Uma relação entre a saudação a Jesus como o Ναζωραῖος e a promessa davídica pode estar presente na versão de Lucas da cura do cego de Jericó (Lc 18.35-43). Eduard Schweizer<sup>81</sup> e Karl Heinrich Rengstorff<sup>82</sup> adotaram aqui uma influência da tradição especial de Lucas. Tim Schramm, em contraste, apesar de sua abertura usual para essa possibilidade, conta apenas com a redação lucana de Marcos 10.46-52<sup>83</sup>. Mas a expressão ἐγένετο δέ (הָיָה), ἐν τῷ (בְּ), o não acentuado αὐτὸς δέ (הוּא) e δοξάζειν τὸν θεόν (הַלְלוּ אֱלֹהִים) podem ser melhor compreendidos como hebraísmos do que com uma imitação da Septuaginta (Lc 18.35, 39, 43)<sup>84</sup>.

<sup>78</sup> Tradução do alemão segundo GOLDSCHMIDT, Lazarus. **Der Babylonische Talmud VIII: Baba Bathra/Synhedrin** (1. Hälfte). 2. ed. Berlin: Biblion, 1967, p. 632 [aqui traduzido para o português pelo tradutor do artigo].

<sup>79</sup> INSTONE-BREWER, Kern David. Jesus of Nazareth’s Trial in the Uncensored Talmud. In: **TynB**, vol. 62, 2011, p. 262-294 (p. 274-276).

<sup>80</sup> GÄRTNER, Bertil. **Die rätselhaften Termini Nazoräer und Iskariot**. (Horae Soederblomianae IV). Lund: Gleerup, 1957, p. 11-13.

<sup>81</sup> SCHWEIZER, Eduard. Eine hebraisierende Sonderquelle des Lukas? In: **TZ**, vol. 6, 1950, p. 161-185 (p. 175s).

<sup>82</sup> RENGSTORF, Karl Heinrich. **Das Evangelium nach Lukas**. (NTD 3). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1966, p. 212.

<sup>83</sup> SCHRAMM, Tim. **Der Markus-Stoff bei Lukas**. Eine literarkritische und redaktionsgeschichtliche Untersuchung, (SNTSMS 14). Cambridge: Cambridge University Press, 1971, p. 143-145.

<sup>84</sup> EDWARDS, James R. **The Hebrew Gospel and the Development of the Synoptic Tradition**. Grand Rapids MI; Cambridge: Erdmanns, 2009, p. 131, 134s, 138.

Também para δοῦναι αἶνον τῷ θεῷ (Lc 18.43) é possível um correspondente hebraico, para o qual Adolf Schlatter apontou<sup>85</sup>. Sobre tal pano de fundo linguístico fica melhor compreendido por que o homem cego se refere a Jesus como “Filho de Davi (υἱὲ Δαυίδ) (Lc 18,38-39), quando ele ouve que “Jesus de Nazaré (ὁ Ναζωραῖος)” está passando (Lc 18.37)<sup>86</sup>.

Não só pela palavra-chave Nazaré na réplica crítica de Natanael: “O que pode vir de bom (τι ἀγαθόν) de Nazaré?”, soa a pergunta a respeito do Messias (Jo 1.46). O adjetivo ἀγαθός aparece no quarto evangelho somente três vezes<sup>87</sup>, uma vez em forma pronominal (Jo 5.29) e duas vezes de forma predicativa, aqui como em João 7.12 como parte de uma discussão messiânica entre o povo: “Alguns disseram: Ele é bom (ἀγαθός); mas os outros disseram: Não, senão que ele desvia as pessoas”. Este debate é então levado adiante: “Alguns disseram: Este é verdadeiramente o Profeta! Outros disseram: Ele é o Cristo. Alguns diziam: Então o Cristo vem da Galileia? As Escrituras não dizem: O Cristo vem da semente de Davi e de Belém, a aldeia donde era Davi?” (Jo 7.40-42). Rudolf Bultmann concluiu: “Então o evangelista não sabe nada sobre o nascimento de Jesus em Belém, ou ele não quer saber nada”<sup>88</sup>. Mas isso é um mal-entendido do pano de fundo irônico do quarto Evangelho<sup>89</sup>. O evangelista e provavelmente a maioria de seus leitores sabiam: o oposto da objeção do adversário é verdadeiro<sup>90</sup>. João distingue, portanto, como Mateus e Lucas, entre Belém, como o local de

<sup>85</sup> SCHLATTER, Adolf. **Das Evangelium des Lukas aus seinen Quellen erklärt**. 2. ed. Stuttgart: Calwer Verlag, 1960 (1931), p. 115: Ele remete a Mechilta sobre Ex 15.1.

<sup>86</sup> No paralelo de Mc 10.47 os manuscritos entre ὁ Ναζαρηνός (B L W<sup>f</sup> etc.) e ὁ Ναζωραῖος (⋈ A C<sup>f</sup>13 etc.) estão fendidos. O último (como em Lucas), poderia ser mais antigo por causa do contexto interno, a favor do primeiro caso conta o uso marcano em outros lugares.

<sup>87</sup> Entre os comentaristas somente um evangelical trata essa questão: MORRIS, Leon. **The Gospel According to John**. (NLC). London: Ethics & Public Policy Center 1971, p. 165, nota 102.

<sup>88</sup> BULTMANN, Rudolf. **Das Evangelium des Johannes**. (KEK II), Göttingen, 1941, p. 231, nota 2.

<sup>89</sup> BEASLEY-MURRAY, George R. **John**. (WBC 36). Waco TX: Thomas Nelson, 1987, p. 118s; SCHWANK, Benedikt. **Evangelium nach Johannes**. 3. ed. St. Ottilien: EOS, 2007, p. 248.

<sup>90</sup> Sobre as circunstâncias da redação RIESNER, Rainer. John 1:14 and ‘the Disciple whom Jesus loved’. In: CHRUPCALA, L. Daniel. **Rediscovering John**. Essays in the Fourth Gospel in Honour of Frédéric Manns. (SBFAn 80). Mailand: Ed. Terra Santa, 2013, p. 303-336.

nascimento de Jesus, e Nazaré como seu local de residência. Mesmo quando Nazaré é chamada de *πατρις* de Jesus (Mc 6.1,4/Mt 13.54,57; Lc 4.24), isso não significa necessariamente o local de nascimento, mas também pode significar o local atual de origem<sup>91</sup>. Tentativas de transformar Cafarnaum<sup>92</sup> e até mesmo Séforis<sup>93</sup> como local de proveniência de Jesus não encontraram nenhum apoio. Para James H. Charlesworth, a conexão de Jesus com Nazaré pertence às informações que um amplo consenso na pesquisa considera como seguras<sup>94</sup>.

## 7 OS PARENTES DO SENHOR E OUTROS JUDEUS CRISTÃOS EM NAZARÉ

No relatório de um peregrino anônimo de Piacenza, na Itália superior, pode se concluir que no século 6 ainda havia judeus cristãos em Nazaré (Itinerarium 5 [CSEL 39,161])<sup>95</sup>. Segundo fontes rabínicas, a presença de tais judeus crentes em Jesus em Séforis (GenR 14,7; bSanh 38a) e na próxima Kefar Sechanja (tHul 2,24; bAZ 16b-17a), hoje a aldeia árabe de Sachnin provém do período durante os

---

<sup>91</sup> SCHMID, Josef. **Das Evangelium nach Markus**. (RNT). 5. ed. Regensburg: Pustet, 1963, p. 115; GUELICH, Robert A. **Mark 1-8:26**. (WBC 34A). Dallas TX: Thomas Nelson, 1989, p. 308.

<sup>92</sup> Assim o reconhecido pesquisador de Qumran Hartmut Stegemann (1969) na sua aula inaugural em Bonn „Jesus aus Kapernaum“, que encontrou forte eco na mídia, mas nunca foi publicada. Relato e crítica em BLINZLER, Josef. Die Heimat Jesu. Zu einer neuen Hypothese. In: **BiKi**, vol. 25, 1970, p. 14-20.

<sup>93</sup> PAUSCH, Eberhard Martin. Jesus aus Sepphoris: Eine Abduktion zum historischen Jesus. In: **DPfRBI**, vol. 116, 2016, p. 151-153. Fica com isso comprovado que Jesus contava parábolas dramáticas e que Séforis continha um Teatro, cuja existência já na época de Jesus, no entanto, é altamente discutível. Compare WEISS, Ze'ev. Sepphoris: From Galilean Town to Roman City, 100 BCE - 200 CE. In: FIENSY, David A.; STRANGE, James R. **Galilee in the Late Second Temple and Mishnaic Periods**. Vol. 2. The archaeological record from cities, towns and villages. Minneapolis: Fortress, 2015, p. 53-75 (p. 67s).

<sup>94</sup> CHARLESWORTH, James H. Should Specialists in Jesus Research Include Psychobiography? In: CHARLESWORTH, James H.; RHEA, Brian; POKORNÝ, Petr. **Jesus Research: New Methodologies and Perceptions: The Second Princeton-Prague Symposium on Jesus Research**. Grand Rapids MI; Cambridge: Eerdmans, 2014, p. 436-466 (p. 439).

<sup>95</sup> MIMOUNI, Simon C. **Le Judéo-christianisme ancien: Essais historiques**. (Patrimoines). Paris: Cerf, 1998, p. 63-66.

séculos II e IV<sup>96</sup>. Philip S. Alexander chega até mesmo a concluir:

O cristianismo judaico foi um movimento mais significativo nas comunidades judaicas da Palestina do que poderia parecer à primeira vista. Os cristãos judeus eram um grupo de opositores ideológicos dos rabinos, que lutaram com eles pelo domínio no judaísmo da era pós-70 ... Cristãos judeus foram espalhados pelas cidades e aldeias judaicas da Galiléia.<sup>97</sup>

É mais improvável, que todos os membros da família extensa de Jesus, que viveu na época do seu ministério público em Nazaré (Mc 6.3 / Mt 13.55-56), como sua mãe e alguns de seus irmãos, depois da Páscoa tenham se estabelecido em Jerusalém (At 1.14). Na verdade, ouvimos durante a perseguição sob Décio (249-251) de um mártir chamado Konon, que assegurou: “Eu sou da cidade de Nazaré, na Galileia, eu sou da família do Cristo, a quem eu sirvo desde o tempo dos meus antepassados” (An Boll XVIII 180)<sup>98</sup>.

Se houve, portanto, uma continuidade pessoal desde o tempo do Novo Testamento por meio dos membros da família de Jesus, pelo menos até o século III e por outros judeus cristãos até pelo menos o século IV, as mais antigas tradições locais em Nazaré devem ser seriamente colocadas à prova. Ken Dark conseguiu provar a segunda Igreja Bizantina de Nazaré sob o convento das Irmãs (Sœurs) de Nazaré<sup>99</sup>. De acordo com o relatório do peregrino Arkulf (cerca de 670), ela estava no lugar da casa onde Jesus havia sido criado quando criança (De locis sanctis II

---

<sup>96</sup> BAGATTI, Bellarmino. **Antichi villaggi cristiani di Galilea**. (SBFCMi 13). Jerusalem: Tipografia Dei, 1971, p. 145-153; MANNS, Frédéric. Un centre judéo-chrétien important: Sepphoris. In: MANNS, Frédéric. **Essais sur le Judéo-Christianisme**. (SBFAn 12). Jerusalem, 1977, p. 165-190; FREYNE, Sean. Christianity in Sepphoris and in Galilee. In: FREYNE, Sean. **Galilee and Gospel: Collected Essays**. (WUNT 125). Tübingen: Mohr Siebeck, 2000, p. 299-307 (p. 301s).

<sup>97</sup> “Jewish Christianity was a more significant movement in the Jewish communities of Palestine than it might at first sight appear. Jewish Christians were one of range of ideological opponents of the rabbis, who struggled with them for dominance in the Judaism of the post-70 era ... Jewish Christians were scattered through the Jewish towns and villages of Galilee” – ALEXANDER, Philip S. **Jewish Believers in Early Rabbinic Literature (2nd to 5th centuries)**. In: SKARSAUNE, Oskar; HVALVIK, Reidar. **Jewish Believers in Jesus: The Earliest Centuries**. Peabody MA: Baker Academic, 2007, p. 659-709 (p. 686).

<sup>98</sup> BAUCKHAM, Richard. **Jude and the Relatives of Jesus in the Early Church**. Edinburgh: T. & T. Clark, 1990, p. 121-125.

<sup>99</sup> DARK, Ken. The Byzantine Church of the Nutrition in Nazareth Rediscovered. In: **PEQ**, vol. 144, 2012, p. 164-184.

26 [CSEL 39,274]). Dark considera possível que os restos de construção datados do século I sob a basílica sejam, de fato, dessa casa de habitação<sup>100</sup>. Se assim fosse, a família de Jesus teria morado em uma casa não tão pobre. Consistia em parte de paredes de rocha cuidadosamente esculpidas e alisadas e em parte de paredes bem construídas. Não havia apenas um piso triturado, mas um piso de calcário. A casa compreendia vários quartos e talvez até um andar superior (consistindo de uma construção de madeira?). Vasos de pedra calcária apontam para os moradores judeus e a descoberta de objetos de vidro indica uma prosperidade modesta. Acredita-se hoje que a Galileia pertencia proporcionalmente às regiões economicamente estáveis do Império Romano na época de Jesus<sup>101</sup>. Martin Hengel e Anna Maria Schwemer caracterizaram assim o status social da família de Jesus: “Jesus não veio da camada mais baixa de trabalhadores sem terra e arrendatários, mas da classe dos artesãos, isto é, da classe média simples”<sup>102</sup>. Em todo caso, Jesus, como membro de um clã davídico, foi criado e ensinado nas grandes tradições do Antigo Testamento e de sua família<sup>103</sup>.

---

<sup>100</sup> DARK, Ken. Has Jesus' Nazareth House Been Found? In: **BAR**ev, vol. 41, n. 2, 2015, p. 54-63, p. 72.

<sup>101</sup> OSTMEYER, Karl-Heinrich. Armenhaus und Räuberhöhle? Galiläa zur Zeit Jesu. In: **ZNW**, vol. 96, 2005, p. 147-170; FREYNE, Sean. Die soziale Welt Galiläas aus der Sicht des Josephus. In: CLAUSSEN, Carsten; FREY, Jörg. **Jesus und die Archäologie Galiläas**. (BThSt 87). Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 2008, 75-92; FIENSY, David A. Assessing the Economy of Galilee in the Late Second Temple Period: Five Considerations. In: FIENSY, David A.; HAWKINS, Ralph K. **The Galilean Economy in the Time of Jesus**. Atlanta GA: Society of Biblical Literature, 2013, p. 165-186; ROOT, Bradley W. **First Century Galilee: A Fresh Examination of the Sources**. (WUNT II/378). Tübingen: Mohr Siebeck, 2014.

<sup>102</sup> HENGEL, Martin; SCHWEMER, Anna Maria. **Jesus und das Judentum**. (Geschichte des frühen Christentums 1). Tübingen: Mohr Siebeck, 2007, p. 294.

<sup>103</sup> RIESNER, Rainer. **Jesus als Lehrer**. Eine Untersuchung zum Ursprung der Evangelien-Überlieferung. (WUNT II/7). 3. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 1988, p. 210-236; DEINES, Roland. Der Messiasanspruch Jesu im Kontext frühjüdischer Messiaserwartungen. In: BAUM, Armin D.; HÄUSSER, Detlef; REHFELD, Emmanuel L. **Der jüdische Messias Jesus und sein jüdischer Apostel Paulus**. (WUNT II/425). Tübingen: Mohr Siebeck, 2016, p. 49-106 (p. 95-100); DEINES, Roland. Jakobus. Im Schatten des Größeren (BG 30). Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2017, p. 114-119.

## 8 NAZARÉ E JESUS

1) Jesus cresceu em Nazaré e viveu em um devoto ambiente judaico por cerca de trinta anos. Estilizá-lo no modelo dos pregadores errantes cínicos não foi um avanço histórico-crítico.

2) A situação socioeconômica geral da Galileia, possíveis evidências arqueológicas de Nazaré, e o histórico de sua família falam contra o fato de que Jesus pertenceu à classe baixa empobrecida.

3) Como Nazaré foi fundada como um assentamento de judeus devotos da Judeia, o hebraico provavelmente foi usado não apenas na sinagoga, mas também como língua de conversação. A questão da base semítica das palavras de Jesus não deve, portanto, ser limitada ao aramaico, mas deve sempre contar com o hebraico como uma possibilidade.

4) Na Sinagoga de Nazaré, Jesus pôde ouvir a lei e os profetas nas leituras públicas do sábado, mas também estudou durante a semana. Portanto, citações e referências ao Antigo Testamento em suas palavras não devem ser automaticamente atribuídas à comunidade pós-pascal. Jesus não era um agricultor sem formação, que só falava algumas palavras curtas e populares de sabedoria. Ele agia mais como um professor messiânico que vivia nas escrituras de seu povo.

5) A história do povoamento e a nomeação de Nazaré reforça a tradição de uma origem davídica de Jesus (Rm 1.3). Em seu clã davídico estavam vivas a esperança de um rei universal da paz (Is 11.1), bem como de um guerreiro escatológico (Nm 24.17). Em face de tais expectativas divergentes, Jesus teve que lutar para encontrar o caminho messiânico que seu Pai celestial lhe havia providenciado.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Philip S. Jewish Believers in Early Rabbinic Literature (2nd to 5th centuries). In: SKARSAUNE, Oskar; HVALVIK, Reidar. **Jewish Believers in Jesus: The Earliest Centuries**. Peabody MA: Baker Academic, 2007, p. 659-709.

ALEXANDRE, Yardenna. **Ein Kurzbericht: Nazareth – Erstmals Wohnhaus aus der Zeit Jesu gefunden**. In: **WUB**, vol. 14, n. 2, 2010, p. 67.

ALEXANDRE, Yardenna. **Mary's Well, Nazareth: The Late Hellenistic to the Ottoman Periods**. (IAA Reports 49). Jerusalem: Israel Antiquities, 2012, p. 57-61.

AVIAM, Mordechai; AMITAI, Aharoni. The Necropolis of Sepphoris: The Results of Field Survey. In: WARNER, Daniel A.; BINDER, Donald D. **A City Set on a Hill: Essays**

- in Honor of James F. Strange. Mountain Home AR: Border Stone Press, 2014, p. 4-16.
- AVI-YONAH, Michael. A List of Priestly Courses from Caesarea. In: **IEJ**, vol. 12, 1962, p. 137-139.
- BAGATTI, Bellarmino. **Antichi villaggi cristiani di Galilea**. (SBFCMi 13). Jerusalem: Tipografia Dei, 1971.
- BAGATTI, Bellarmino. **Excavations in Nazareth I: From the Beginning till the Twelfth Century**. Trad. Eugene Hoade [SBFCMa 17]. Jerusalem, 1969.
- BAGATTI, Bellarmino. **The Church from the Circumcision** (SBFCMi 2). Jerusalem: Franciscan Printing Press, 1971.
- BALTES, Guido. **Hebräisches Evangelium und synoptische Überlieferung**. (WUNT II/312), Tübingen: Mohr Siebeck, 2011.
- BAUCKHAM, Richard. **Jesus and the Eyewitnesses: The Gospels as Eyewitness Testimony**. 2. ed. Grand Rapids MI /Cambridge: Eerdmans, 2017.
- BAUCKHAM, Richard. **Jude and the Relatives of Jesus in the Early Church**. Edinburgh: T. & T. Clark, 1990.
- BAUER, Walter. **Das Johannesevangelium**. (HNT 6). Tübingen: Mohr Siebeck, 1925.
- BEASLEY-MURRAY, George R. **John**. (WBC 36). Waco TX: Thomas Nelson, 1987.
- BEN DAVID, Arieh. **Talmudische Ökonomie**. Die Wirtschaft des jüdischen Palästina zur Zeit der Mischna und des Talmud, Hildesheim; New York: Georg Olms, 1974.
- BERGER, Klaus. Jesus als Nasoräer/Nasiräer. In: **NovT**, vol 38, 1996, p. 323-335.
- BERMAN, Ariel. The Numismatic Evidence. In: ALEXANDRE, Yardenna. **Mary's Well, Nazareth: The Late Hellenistic to the Ottoman Periods**. (IAA Reports 49). Jerusalem: Israel Antiquities, 2012, p. 107-120.
- BLINZLER, Josef. Die Heimat Jesu. Zu einer neuen Hypothese. In: **BiKi**, vol. 25, 1970, p. 14-20.
- BÖSEN, Willibald. **Galiläa – Lebensraum und Wirkungsfeld Jesu**. Freiburg: Herder, 1985 (reed. 1998).
- BÖSEN, Willibald. Mehr als eine freundliche Gesprächspartnerin. Zur Bedeutung der Archäologie für die neutestamentliche Exegese. In: KÜCHLER, Max; SCHMIDT, Karl Matthias. **Texte – Fakten – Artefakte**. Beiträge zur Bedeutung der Archäologie für die neutestamentliche Forschung. (NTOA 59). Fribourg/Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2006, p. 161-195.
- BORNHÄUSER, Karl. **Die Geburts- und Kindheitsgeschichte Jesu**. Versuch einer zeitgenössischen Auslegung von Matthäus 1 und 2 und Lukas 1-3. (BFChTh II/23). Gütersloh, 1930.
- BORNKAMM, Günther. **Jesus von Nazareth**. (Urban TB 19). 12. ed. Stuttgart: Kohlhammer, 1980.
- BOUYER, Louis. **Das vierte Evangelium**. Salzburg, 1968.
- BRUNOT, Amédée. Nazareth. In: **Bible et Terre Sainte**, vol. 110, 1969, p. 8–17.
- BÜHLMANN, Walter. **Wie Jesus lebte**. Alltag und Kultur vor 2000 Jahren. Luzern: Rex Verlag, 2017.
- CHANCEY, Mark. **The Myth of a Gentile Galilee**. (SNTSMS 118). Cambridge: Cambridge University Press, 2002.



- BULTMANN, Rudolf. **Das Evangelium des Johannes**. (KEK II), Göttingen, 1941.
- CHARLESWORTH, James H. Should Specialists in Jesus Research Include Psychobiography? In: CHARLESWORTH, James H.; RHEA, Brian; POKORNÝ, Petr. **Jesus Research: New Methodologies and Perceptions: The Second Princeton-Prague Symposium on Jesus Research**. Grand Rapids MI; Cambridge: Eerdmans, 2014, p. 436-466.
- CHILTON, Bruce D. **The Isaiah Targum** (The Aramaic Bible 11). Wilmington DE: Michael Glazier, 1987.
- CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. **Jesus ausgraben**. Zwischen den Steinen – hinter den Texten. Düsseldorf: Patmos, 2003.
- DALMAN, Gustaf. **Orte und Wege Jesu**. (BFChTh 2/1). 4. ed. Darmstadt: C. Bertelsmann, 1967.
- DARK, Ken. Early Roman-Period Nazareth and the Sisters of Nazareth Convent. In: **Antiquaries Journal**. Cambridge, vol. 92, 2012, p. 37-64.
- DARK, Ken. Has Jesus' Nazareth House Been Found? In: **BAR**ev, vol. 41, n. 2, 2015, p. 54-63.
- DARK, Ken. Roman-Period and Byzantine Landscapes between Sepphoris and Nazareth. In: **PEQ**, vol. 140, 2008, p. 87-102.
- DARK, Ken. The Byzantine Church of the Nutrition in Nazareth Rediscovered. In: **PEQ**, vol. 144, 2012, p. 164-184.
- DEINES, Roland. Der Messiasanspruch Jesu im Kontext frühjüdischer Messiaserwartungen. In: BAUM, Armin D.; HÄUSSER, Detlef; REHFELD, Emmanuel L. **Der jüdische Messias Jesus und sein jüdischer Apostel Paulus**. (WUNT II/425). Tübingen: Mohr Siebeck, 2016, p. 49-106.
- DEINES, Roland. Jakobus. **Im Schatten des Größeren** (BG 30). Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2017.
- DEINES, Roland. Jesus der Galiläer. Traditionsgeschichte und Genese eines antisemitischen Konstrukts bei Walter Grundmann. In: DEINES, Roland; LEPPIN, Volker; NIEBUHR, Karl-Wilhelm. **Walter Grundmann**. Ein Neutestamentler im Dritten Reich. (AKG 21). Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2007, p. 43-131.
- DEINES, Roland. **Jüdische Steingefäße und pharisäische Frömmigkeit**. Ein archäologisch-historischer Beitrag zum Verständnis von Joh 2,6 und der jüdischen Reinheitshalacha zur Zeit Jesu. (WUNT II/52). Tübingen: Mohr Siebeck, 1993.
- EDWARDS, James R. **The Hebrew Gospel and the Development of the Synoptic Tradition**. Grand Rapids MI; Cambridge: Eerdmans, 2009.
- ELITZUR, Yoel. **Ancient Place Names in the Holy Land: Preservation and History**. Jerusalem; Winona Lake IN: Magnes Press; Eisenbrauns, 2004.
- ESHEL, Hanan. Fragments of an Inscription of the Twen-ty-Four Priestly Courses from Nazareth? [Ivrit]. In: **Tarbiz**, vol. 61, 1992, p. 159-161.
- EVANS, Craig A. **Jesus and the Ossuaries: What Jewish Burial Practices Reveal about the Beginning of Christianity**. Waco TX: Baylor University Press, 2003.
- FIENSY, David A. Assessing the Economy of Galilee in the Late Second Temple Period: Five Considerations. In: FIENSY, David A.; HAWKINS, Ralph K. **The Galilean Economy in the Time of Jesus**. Atlanta GA: Society of Biblical Literature, 2013, p. 165-186.

- FÖRSTER, Niclas. **Jesus und die Steuerfrage**. Die Zinsgroschen-perikope auf dem religiösen und politischen Hintergrund der Zeit mit einer Edition von Pseudo-Hieronymus De haeresibus Judaeorum. (WUNT 294). Tübingen: Mohr Siebeck, 2012.
- FREYNE, Sean. Christianity in Sepphoris and in Galilee. In: FREYNE, Sean. **Galilee and Gospel: Collected Essays**. (WUNT 125). Tübingen: Mohr Siebeck, 2000, p. 299-307.
- FREYNE, Sean. Die soziale Welt Galiläas aus der Sicht des Josephus. In: CLAUSSEN, Carsten; FREY, Jörg. **Jesus und die Archäologie Galiläas**. (BThSt 87). Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 2008, 75-92.
- GÄRTNER, Bertil. **Die rätselhaften Termini Nazoräer und Iskariot**. (Horae Soederblomianae IV). Lund: Gleerup, 1957.
- GAL, Zvi. **Lower Galilee during the Iron Age**. (Trad. P. Marcia Reines Josephy [ASOR Dissertation Series 8]), Winona Lake IN: Eisenbrauns, 1992.
- GESENIUS, Wilhelm (bearb. und hrsg. Herbert Donner). **Hebräisch-aramäisches Handwörterbuch zum Alten Testament**. 18. ed. Heidelberg: Springer, 2013.
- GOLDSCHMIDT, Lazarus. **Der Babylonische Talmud VIII: Baba Bathra/Synhedrin** (1. Hälfte). 2. ed. Berlin: Biblion, 1967.
- GRUNDMANN, Walter. **Jesus der Galiläer und das Judentum**. (Veröffentlichungen des Instituts zur Erforschung des jüdischen Einflusses auf das deutsche kirchliche Leben). 2. ed. Leipzig: G. Wigand, 1941.
- GUNDRY, Robert H. **Matthew: A Commentary on His Literary and Theological Art**. Grand Rapids MI: Eerdmans, 1982.
- GUNDRY, Robert H. **The Use of the Old Testament in St. Matthew's Gospel with Special Reference to the Messianic Hope**. (NovTSup 18). Leiden: Brill, 1967.
- HENGEL, Martin. **Die Zeloten**. Untersuchungen zur jüdischen Freiheitsbewegung in der Zeit von Herodes I. bis 70 n. Chr. (Hrsg. Roland Deines/Claus-Jürgen Thornton [WUNT 283]). 3. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2011.
- HENGEL, Martin; SCHWEMER, Anna Maria. **Jesus und das Judentum**. (Geschichte des frühen Christentums 1). Tübingen: Mohr Siebeck, 2007.
- INSTONE-BREWER, Kern David. Jesus of Nazareth's Trial in the Uncensored Talmud. In: **TynB**, vol. 62, 2011, p. 262-294.
- JEREMIAS, Joachim. **Die Sprache des Lukasevangeliums**. Redaktion und Tradition im Nicht-Markus-Stoff des dritten Evangeliums (KEK Sonderband). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1980. JOSEFO, **Bell I 76**, Ant XIII 318-319. In: CLEMENTZ, Heinrich (Ed. e Trad.). **Josephus**. Der Jüdische Krieg und kleinere Schriften – übersetzt und mit Einleitung und Anmerkungen versehen von Dr. Heinrich Clementz – durchgesehen und mit einem Vorwort von Prof. Dr. Michael Tilly – mit ausführlichem Namenregister und zwei von F. Spiess gezeichneten Tafeln – mit Paraphenzählung nach Flavii Josephi Opera recognovit Benedictus Niese (Editio minor). Berlin 1888-1895. Wiesbaden 2005.
- KEENER, Craig S. **A Commentary on the Gospel of Matthew**. Grand Rapids MI/ Cambridge: Eerdmans, 1999.
- KLEIN, Samuel. **Beiträge zur Geographie und Geschichte Galiläas**. Leipzig: R. Haupt, 1909.
- KNAUF, Ernst Axel. **Writing and Speaking in Galilee**. In: ALKIER, Stefan;

- ZANGENBERG, Jürgen. **Zeichen aus Text und Stein**. Studien auf dem Weg zu einer Archäologie des Neuen Testaments. (TANZ 42). Tübingen: Francke, 2003, p. 336-350.
- KOPP, Clemens. **Die heiligen Stätten der Evangelien**. 2. ed. Regensburg: Friedrich Pustet, 1964.
- KROLL, Gerhard. **Auf den Spuren Jesu**. Sein Leben – Sein Wirken – Seine Zeit. 12. ed. Leipzig: St. Benno, 2002.
- LEIBNER, Uzi. **Settlement and History in Hellenistic, Roman, and Byzantine Galilee: An Archaeological Survey of the Eastern Galilee**. (TSAJ 12). Tübingen: Mohr Siebeck, 2009.
- LEVINE, Lee I. **The Ancient Synagogue: The First Thousand Years**. 2. ed. New Haven: Yale University Press, 2005.
- LIDZBARSKI, Mark. **Mandäische Liturgien**. (AGWG.PH NF 17/1). Berlin, 1920 (reimpr. Hildesheim 1967).
- LUZ, Ulrich. **Das Evangelium nach Matthäus I/1 (Mt 1-7)**. (EKK I/1). 5. ed. Zürich/Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 2002.
- MAIER, Gerhard. **Die Offenbarung des Johannes: Kapitel 12-22**. (HTA). Witten/Gießen: Brunnen, 2012.
- MANNS, Frédéric. Un centre judéo-chrétien important: Sepphoris. In: MANNS, Frédéric. **Essais sur le Judéo-Christianisme**. (SBFAn 12). Jerusalem, 1977, p. 165-190.
- MARKSCHIES, Christoph. Stadt und Land des Christentums in Palästina In: CANCIK, Hubert Cancik; RÜPKE, Joachim. **Römische Reichsreligion und Provinzialreligion**. Tübingen: Mohr Siebeck, 1997, p. 265-297.
- MARTÍNEZ, Florentino García; TIGCHELAAR, Eibert J. C. **The Dead Sea Scrolls Study Edition I: 1Q1–4Q273**. 2. ed. Leiden/New York/Köln: Brill, 2000.
- McIVER, Robert K. First-century Nazareth. In: OESTREICH, Bernhard. **Glaube und Zukunftsgestaltung**. Festschrift zum hundertjährigen Bestehen der Theologischen Hochschule Friedensau. Frankfurt am Main: Europäischer Verlag der Wissenschaften, 1999, p. 139-159
- MICHAELS, J. Ramsey. **John**. San Francisco: Harper & Row, 1983.
- MILLER, Stuart S. Priests, Purities, and the Jews of Galilee. In: ZANGENBERG, Jürgen; ATTRIDGE, Harold W.; MARTIN, Dale B. **Religion, Ethnicity and Identity in Ancient Galilee: A Region in Transition** (WUNT 210), Tübingen: Mohr Siebeck, 2007, p. 375-402.
- MIMOUNI, Simon C. **Le Judéo-christianisme ancien: Essais historiques**. (Patrimoines). Paris: Cerf, 1998.
- MOORE, George F. Nazarene and Nazareth. In: JACKSON, F. J. Foakes; LAKE, Kirsopp. **The Beginnings of Christianity Part I: The Acts of the Apostles I/1**. Reimpr. Grand Rapids MI 1979.
- MORRIS, Leon. **The Gospel According to John**. (NLC). London: Ethics & Public Policy Center 1971.
- NODET, Étienne; TAYLOR, Justin. **The Origins of Christianity: An Exploration**, Collegeville MN: Liturgical Press, 1998.
- ONG, Hughson T. **The Multilingual Jesus and the Sociolinguistic World of the New Testament**. (LBS 12). Leiden/Boston: Brill, 2016.

- OSTMEYER, Karl-Heinrich. Armenhaus und Räuberhöhle? Galiläa zur Zeit Jesu. In: **ZNW**, vol. 96, 2005, p. 147-170.
- PAUSCH, Eberhard Martin. Jesus aus Sepphoris: Eine Abduktion zum historischen Jesus. In: **DPfrBl**, vol. 116, 2016, p. 151-153.
- PESCH, Rudolf. Über das Wunder der Jungfrauengeburt. (Urfelder Reihe 5). Bad Tölz: Urfeld, 2002.
- PFANN, Stephen; VOSS, Ross; RAPUANO, Yehudah. Surveys and Excavations at the Nazareth Village Farm (1997–2002): Final Report. In: **BAIAS**, vol. 25, 2007, p. 19-79.
- PIXNER, Bargil. **Wege des Messias und Stätten der Urkirche**. Jesus und das Judenchristentum im Licht neuer archäologischer Erkenntnisse. (Hrsg. Rainer Riesner [BAZ 2]). 3. ed. Gießen: Brunnen, 1996.
- POIRIER, John C. The Linguistic Situation in Jewish Palestine in Late Antiquity. In: **JGRChJ**, vol. 4 2007, p. 55-134.
- PRITZ, Ray A. **Nazarene Jewish Christianity from the End of the New Testament Period until its Disappearance in the Fourth Century**. (SPB 37). Jerusalem/Leiden: Brill, 1988.
- RENGSTORF, Karl Heinrich. **Das Evangelium nach Lukas**. (NTD 3). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1966.
- RIESNER, Rainer, **Bethanien jenseits des Jordan**. Topographie und Theologie im Johannes-Evangelium (BAZ 12). Gießen: Brunnen, 2002.
- RIESNER, Rainer. Bethlehem, the Birth Stories and Archaeology. In: ESTRADA, Bernardo; MANICARDI, Ermenegildo; PIUG I TÀRRECH, Armand. **The Gospels: History and Christology: The Search of Joseph Ratzinger – Benedict XVI**. Vol. 1. Vaticano: Libreria editrice Vaticana, 2013, p. 473-507.
- RIESNER, Rainer. Nazareth, In: BURKHARDT, Helmut et. al. **Das Große Bibellexikon**. Vol. 2. 2. ed. Wuppertal/Gießen: Brockhaus, 1990, col. 1031-1037.
- RIESNER, Rainer. Die Emmaus-Erzählung (Lukas 24,13-35). Lukanische Theologie, judenchristliche Tradition und palästinische Topographie. In: FLECKENSTEIN, Karl Heinz; LOUHIVUORI, Mikko; RIESNER, Rainer. **Emmaus in Judäa**. Geschichte – Exegese – Archäologie. (BAZ 11). Gießen: Brunnen, 2003.
- RIESNER, Rainer. „Gedeutete, konzentrierte Geschichte“. Benedikt XVI. und die Geburt Jesu in Bethlehem. In: SÖDING, Thomas. **Zu Bethlehem geboren? Das Jesus-Buch Benedikts XVI. und die Wissenschaft**. Freiburg: Herder, 2013, p. 104-127.
- RIESNER, Rainer. Genesis 3,15 in der vorlukanischen und johanneischen Tradition. In: **SNTU**, vol. 29 2004, p. 119-178.
- RIESNER, Rainer. **Jesus als Lehrer**. Eine Untersuchung zum Ursprung der Evangelien-Überlieferung. (WUNT II/7). 3. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 1988.
- RIESNER, Rainer. John 1:14 and ‘the Disciple whom Jesus loved’. In: CHRUPCALA, L. Daniel. **Rediscovering John**. Essays in the Fourth Gospel in Honour of Frédéric Manns. (SBFAn 80). Mailand: Ed. Terra Santa, 2013, p. 303-336.
- RIESNER, Rainer. Nazarener/Nazareth. In: GÖRG, Manfred; LANG, Bernhard. **Neues Bibel-Lexikon 2**. Solothurn/Düsseldorf: Benzinger, 1995, p. 908–912.
- RIESNER, Rainer. Prägung und Herkunft der lukanischen Sonderüberlieferung. In: **Theologische Beiträge**, Holzgerlingen, vol. 24, 1993, p. 228–248.

- RIESNER, Rainer. The Nazareth of Jesus. In: WHITE, Aaron W.; WENHAM, David; EVANS, Craig A. **The Earliest Perceptions of Jesus in Context**. Essays in honour of John Nolland. T & T Clark/Bloomsbury: Edinburgh, 2018.
- ROOT, Bradley W. **First Century Galilee: A Fresh Examination of the Sources**. (WUNT II/378). Tübingen: Mohr Siebeck, 2014.
- RÜGER, Hans Peter. NAZAPEΘ NAZAPA NAZAPHNOS NAZΩΠΑΙΟΣ. In: **ZNW**, vol. 72, 1981, p. 257-263.
- RUNESSON, Anders. The Historical Jesus, the Gospels, and First-Century Jewish Society: The Importance of the Synagogue for Understanding the New Testament. In: WARNER, Daniel A.; BINDER, Donald D. **A City Set on a Hill: Essays in Honor of James F. Strange**. Mountain Home AR: Border Stone Press, 2014, p. 265-297.
- SAFRAI, Ze'ev. Urbanization and Industry in Mishnaic Galilee. In: FIENSY, David A.; STRANGE, James Riley. **Galilee in the Late Second Temple and Mishnaic Periods I: Life, Culture, and Society**, Minneapolis MN: Fortress Press, 2014, p. 272-296.
- SAND, Alexander. **Das Evangelium nach Matthäus**. (RNT). Regensburg: F. Pustet, 1986.
- SCHAEDER, Hans Heinrich. Ναζαρηός, Ναζωραῖος. In: **ThWNT IV**, 1942, p. 879-884.
- SCHLATTER, Adolf. **Das Evangelium des Lukas aus seinen Quellen erklärt**. 2. ed. Stuttgart: Calwer Verlag, 1960 (1931).
- SCHMID, Josef. **Das Evangelium nach Lukas**. (RNT). 4 ed. Regensburg: Pustet, 1960.
- SCHRAMM, Tim. **Der Markus-Stoff bei Lukas**. Eine literarkritische und redaktionsgeschichtliche Untersuchung, (SNTSMS 14). Cambridge: Cambridge University Press, 1971.
- SCHRÖDER, Michael. **Das Galiläa der Heiden – ein heidnisches Land oder ein hoffnungsvolles Zeichen für die Völker?** Untersuchungen zu einer Galiläakonzeption im Matthäus-evangelium, Diss. TU Dortmund 2016.
- SCHÜRMAN, Heinz. Das Lukas-evangelium. (HThK III/1). 2. ed. Freiburg: Herder, 1981.
- SCHWANK, Benedikt. **Evangelium nach Johannes**. 3. ed. St. Ottilien: EOS, 2007.
- SCHWEITZER, Albert. **Geschichte der Leben-Jesu-Forschung**. 4. ed. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1926.
- SCHWEIZER, Eduard. Eine hebraisierende Sonderquelle des Lukas? In: **TZ**, vol. 6, 1950, p. 161-185.
- STRANGE, James F. Nazareth. In: FIENSY, David A.; STRANGE, James Riley. **Galilee in the Late Second Temple and Mishnaic Periods II: The Archaeological Records from Cities, Towns, and Villages**. Minneapolis MN: Fortress Press, 2015, p. 167-180.
- STRANGE, James F. Nazareth. In: **ABD**, vol. IV, 1992, p. 1050s.
- THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. **Der historische Jesus**. Ein Lehrbuch. 4. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2011.
- TEPPER, Yoram. Nazareth. In: **HA-ESI**, vol. 121, 2009, A-3953.
- THEOBALD, Michael. **Das Evangelium nach Johannes**. Kapitel 1–12 (RNT). Regensburg: Pustet, 2009.
- WAGNER, Volker. Mit der Herkunft Jesu aus Nazaret gegen die Geltung des Gesetzes? In: **ZNW**, vol. 92, 2001, p. 273-282.
- WEISS, Ze'ev. Sepphoris: From Galilean Town to Roman City, 100 BCE - 200 CE. In:

- FIENSY, David A.; STRANGE, James R. **Galilee in the Late Second Temple and Mishnaic Periods**. Vol. 2. The archaeological record from cities, towns and villages. Minneapolis: Fortress, 2015, p. 53-75.
- WIEFEL, Wolfgang. **Das Evangelium nach Matthäus**. (ThHK 1). Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 1998.
- ZAHN, Theodor. **Das Evangelium des Johannes**. (KNT IV). 5/6. ed. Leipzig/Erlangen: Deichertsche Verlagsbuchhandlung, 1921 [reed. Gießen: Brunnen, 1983].
- ZIMMERMANN, Johannes. **Messianische Texte aus Qumran**. Königliche, priesterliche und prophetische Messiasvorstellungen in den Schriftfunden von Qumran. (WUNT II/104). Tübingen: Mohr Siebeck, 1998.
- ZUCKSCHWERDT, Ernst. Nazōraios in Matth. 2,23. In: **TZ**, vol. 31, 1975, p. 65-77.